

CINECLUBE LECgeo: a experiência cineclubista na geografia e o desenvolvimento do raciocínio geográfico

CINECLUBE LECgeo: the film club experience in geography and the development of geographical reasoning

Pietro Renato Félix de Queiroz
Estudante de graduação em Geografia da UFPE

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, em formato de artigo científico, busca compreender o mundo das imagens pela experiência cineclubista no Cineclube LECgeo, localizado na Universidade Federal de Pernambuco. A experiência em ver filmes e debatê-los fomenta a imaginação geográfica ao ponto em que nos situamos em um jogo de posições entre o campo visível e o metafórico. Na escola, alicerçado pela lei 13.006/2014, em que cada escola brasileira precisa exibir duas horas de produção audiovisual brasileira por mês, a mediação entre as competências e habilidades da BNCC posiciona o docente na condição de tornar o acesso ao conhecimento um exercício prazeroso e humano ao respeitar as capacidades de cada estudante. Neste sentido, o desenvolvimento do raciocínio geográfico sob mediação do filme possibilita o atravessamento pelas imagens de cinema e a descoberta de si enquanto sujeito e profissional. Para isso, percorremos com um breve histórico da criação e realização de sessões do Cineclube LECgeo como proposta metodológica na compreensão do espaço geográfico. Ao fim, discutimos o papel da imagem na construção do raciocínio geográfico, onde a partilha de sensibilidades através dos pressupostos estéticos e políticos dos sujeitos são necessários para o fazer geográfico.

Palavras-chave: Cineclubismo, Ensino de Geografia, Cineclube LECgeo, Imagens, Cinema.

ABSTRACT

The present end-of-course work, in the format of a scientific article, seeks to understand the world of images through the film club experience at the LECgeo Film Club, located at the Federal University of Pernambuco. The experience of watching films and discussing them fosters the geographical imagination to the point where we place ourselves in a game of positions between the visible and the metaphorical fields. At school, grounded by the law 13.006/2014, in which each Brazilian school needs to exhibit two hours of Brazilian audiovisual production per month, the mediation between the competencies and skills of the BNCC positions the teacher in the condition of making the access to knowledge a pleasurable and human exercise by respecting the capabilities of each student. In this sense, the development of geographic reasoning under the mediation of the film enables the crossing by the cinema images and the discovery of oneself as a subject and professional. For this, we go through a brief history of the creation and realization of sessions of the LECgeo Film Club as a methodological proposal in the understanding of geographic space. At the end, we discuss the role of the image in the construction of geographic

reasoning, where the sharing of sensibilities through the aesthetic and political assumptions of the subjects are necessary for the geographic making.

Keywords: Cine-Club, Teaching of Geography, LECgeo Cine-Club, Images, Cinema.

1 INTRODUÇÃO

A formação universitária é um caminho visto, por muitos, como lugar para a construção do pensamento crítico, instrumentalizado por teorias, métodos e outros recursos que a universidade pode oferecer. Assim, com o auxílio desses recursos nos formamos profissionais de um campo do saber. No entanto, considerar a universidade um espaço voltado somente para a construção do pensamento intelectual é cair no erro em não valorizar outros aspectos fundamentais que integram a vida universitária. Uma delas é a oportunidade de experimentar.

A experimentação, até onde sabemos, é lugar profícuo para a tentativa, o erro e, principalmente, a descoberta. Experimentar é navegar por campos ainda a serem descobertos. É, também, a possibilidade de construir identidades e desenvolver novos caminhos nas diversas áreas de conhecimento. É, sobretudo, estar em diálogo constante com o mundo ao nosso entorno. Assim, reiteramos posições, encontramos formas de inovar e abrimos portas para quem nunca teve abertura. Experimentar é ir ao encontro do desejo de investigar o mundo ao nosso redor, desvendar caminhos ainda pouco conhecidos daquele que investiga. É encontrar-se na descoberta de si e do outro.

Através da experimentação de gostos e pela descoberta nas leituras, um grupo formado por jovens estudantes de geografia comungaram de um gosto: o gosto pelo cinema. Foi no café após as leituras, sentados na mesa do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política, o LECgeo, que o desejo pelo cinema e a reflexão dos filmes pelo olhar privilegiado da geografia propiciou a experiência do cinema através da geografia. Como diria Denis Cosgrove (2012, p. 221), “a geografia está em toda parte”. Neste sentido, o presente trabalho busca destacar a atividade do Cineclube LECgeo, fundado no mês de agosto do ano de 2011, com a experiência e o desejo que une os campos da geografia e do cinema. Trata-se de um retorno à memória universitária promovida pela pesquisa, paixão e, sobretudo,

pelo interesse em desvendar caminhos possíveis para o fazer geográfico e seu uso na educação geográfica.

Este trabalho busca compreender o desenvolvimento do raciocínio geográfico com o uso de imagens, especificamente as imagens produzidas pelo cinema, onde geografias são desvendadas a partir da produção de filmes enquanto interpretação de realidades e “(...) pensado em relação a sua independência do objeto real no sentido de ser considerado apto até mesmo de assumir o lugar do objeto (...)” (Costa, 2011, p. 45). No bojo desta discussão, compreende-se que o filme aproxima o estudante dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, visto que o filme é produto das relações socioespaciais onde a produção de sentidos e significados aproxima o estudante-espectador da geografia cotidiana, estimulando, todavia, o desenvolvimento da consciência geográfica a partir dos referenciais espaciais existentes na experiência sócioespacial de cada um, mediados pelo conteúdo aprendido em sala de aula.

O Cineclube LECgeo surge em 2011 com a proposta de ver e debater filmes que reflitam a espacialidade da cultura. As sessões têm como principal objetivo despertar o olhar sobre o cinema a partir da geografia e possibilitar o encontro de linguagens produtoras de formas de ver e pensar o espaço em cada espectador. Considerar o espectador como parte da experiência cineclubista é ponto fundamental na construção do pensamento crítico, sobretudo na geografia, uma vez que o filme é produto de uma forma de ver e estar no espaço que, através da projeção, produz tensionamentos sobre um objeto. Ou seja, o cinema também produz conhecimento. A experiência lançada pelo Cineclube LECgeo, todavia, não objetiva somente pensar a geografia através do filme, mas desenvolver formas de olhar o espaço geográfico por meio de filmes e suas respectivas relações com outras áreas do conhecimento. Assim, a experiência cineclubista, da produção da sessão ao debate de ideias pode ser entendido como um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (Rancière, 2009, p. 15).

Partida da experiência laboratorial reveladora sobre as formas de pensar o espaço, este trabalho vislumbra refletir o filme e as relações imagéticas produzidas na experiência cineclubista no desenvolvimento do raciocínio geográfico do estudante de geografia na escola. Parte-se, aqui, da premissa que cineclube atua

enquanto espaço para a fomentação do debate de ideias sobre um filme e/ou tema que mobilize as habilidades e competências presentes na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), a BNCC, de estudantes de geografia contribuindo, portanto, no desenvolvimento do raciocínio geográfico no âmbito escolar. O cineclube, neste sentido, reforça seu caráter de espaço de coletividades onde

“[...] reúne apreciadores de cinema para exibição de filmes, estudos e debates, com o objetivo de formar e difundir a cultura cinematográfica, além de se contraporá fatores como: a tendência dos exibidores de dedicara maioria das salas aos grandes lançamentos comerciais: o preço dos ingressos, inacessível para pessoas de baixa renda; [...]” (Cineclube, 2021).

Ainda, consideramos que o filme atua enquanto mediador das relações espaciais entre as pessoas que ali o vivem, estando integrado às relações cotidianas. Com isso, a experiência do cinema é ponto de encontro de ideias e sensações sobre um filme tomadas pelas relações socioespaciais. Seu uso na escola possibilita o desenvolvimento cognitivo e sensível durante a exibição e discussão de um filme. Portanto, o filme se apresenta como dispositivo de mediação entre imagem, conteúdo didático e cotidiano do estudante que permita a “análise da realidade e de contextos possibilita avançar a simples percepção e tecer interpretações sobre fatos e fenômenos em múltiplas escalaridades” (Copatti; Callai, 2020, p. 166).

O uso de filmes na geografia propõe o encontro de olhares sobre imagens e espaços vistos experimentados em tela com a dimensão da experiência, do vivido. Esse encontro permite a confluência de experiências cotidiana e científica, promovendo o intercuro entre o saber teórico e o saber vernacular que propicia, portanto, o desenvolvimento da noção de sentido geográfico, ou, o raciocínio geográfico. No bojo dessa discussão, passaremos a discutir o trabalho em três momentos. No primeiro momento, tomamos a relação entre cinema, educação e geografia enquanto campo de amplo debate, principalmente quando está relacionada com o desenvolvimento das habilidades e competências presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, ou nos parâmetros curriculares de estados e municípios. Assim, o processo de ensino-aprendizagem torna-se profícuo, enriquecedor, despertando a emancipação do estudante. Na geografia, um dos meios de desenvolvimento da reflexão em torno do espaço é pelo desenvolvimento

de estruturas visuais (Gomes, 2017). Recortar, localizar e posicionar o ponto de observação é mobilizar a visão para o entendimento de um fenômeno estudado.

Na segunda parte, tomamos a experiência do Cineclube LECgeo como espaço de diálogo por imagens na geografia por meio de sua história, bases teórico-metodológicas para fundamentação e realização de sessões, assim como o processo da realização de uma sessão de cineclube. Na terceira parte, busca-se analisar a partir da experiência do Cineclube LECgeo possíveis caminhos para o uso do cineclubismo como metodologia ativa no ensino de geografia. Considera-se aqui, o cineclube como espaço de formação política e cidadã partidas da experiência cinematográfica sobre uma determinada proposta curatorial. No caso da geografia, temas sobre a relação sociedade e natureza são comuns na programação de sessões, promovendo o encontro de olhares sobre o fazer e pensar geográfico. Neste sentido, o filme é produto das relações socioespaciais desenvolvidas sobre técnicas e experiências cotidianas de realizadores. Portanto, a cultura é ponto fundamental para a formação do olhar como dos sentidos geográficos. Para tanto, este trabalho buscar promover a intersecção entre geografia, cultura e ensino como bases para o desenvolvimento de uma formação cidadã.

2 A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PELAS IMAGENS DO CINEMA

Cada vez mais é possível afirmar que vivemos em um mundo repleto por imagens. Imagens que despontam a cada mudança de ângulo em nosso olhar, visto que elas assumem um espaço jamais ocupado em outro período da história. Nesse sentido, refletir o espaço e suas ramificações torna ao geógrafo um exercício que exige esforço. Para o geógrafo, as imagens estão nas formas de organização e produção do espaço materializadas em mapas, fotografias, vídeos e dados estatísticos, por exemplo. Nesse sentido, pensar as imagens de cinema torna uma atribuição ao geógrafo.

As imagens de cinema podem ser pensadas como a possibilidade de realizar uma grande viagem pelas imagens. A percepção do espaço no filme nos coloca em um jogo de olhares entre o real e ficcional posto em tela. O que nos leva a Jorge Larrosa Bondía, ao dizer que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Bondía, 2002, s. p.).

Na educação do geógrafo, como afirma Sauer (2000), deve-se considerar os aspectos morfológicos existentes na paisagem. Neste sentido, Sauer não está enganado. A morfologia da paisagem é imprescindível para a compreensão de um fenômeno geográfico no filme. No entanto, o filme é produto das relações socioespaciais entre os sujeitos produtores do espaço geográfico. Assim, o filme reitera as ideias de Bondía, produto das relações entre sociedade e imagem. Portanto, na educação do geógrafo é importante estender a dimensão cinematográfica do espaço como uma das novas formas de compreensão do espaço geográfico. Ainda, se retomarmos a reflexão de Rancière (2009) sobre as práticas políticas da imagem, somos estimulados a refletir sobre a posicionalidade das imagens e as suas geografias.

À medida que partilhamos experiências do comum, exercemos o que é conhecida como a pedagogia da imagem. Ou seja, compartilhamos de sistemas de significados em comum de acordo com as experiências socioespaciais dos indivíduos. Exemplificando: temos um objeto geográfico em comum; o processo de verticalização em uma capital como Recife, em Pernambuco. Coincidente, na mesma cidade, uma extensa produção de imagens sobre o fenômeno surge como meio de pedagogizar o espectador acerca do processo urbano citado, utilizando os sítios na internet como forma de publicizar os efeitos dos projetos na cidade. Neste sentido, a tríade ensino-pesquisa-extensão praticada na universidade aporta enquanto produto das reflexões teórico-metodológicas como forma de compreender o papel da geografia na intervenção sobre o projeto de cidade desejado pela população.

A atividade de reflexão pelas imagens de cinema caminha para o que Alain Bergala (2008) chama de *hipótese-cinema*, ou seja, considerar "(...) o filme como a de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, decodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação" (p. 34). Ainda, em um segundo aspecto da *hipótese-cinema*, Bergala relaciona a abordagem crítica, ou seja, a "leitura" de filmes, ao processo de realização da obra. Para este autor, é possível que haja uma pedagogia do cinema centrada na criação tanto ao assistir filmes quanto ao realizá-los, de forma que o espectador construa suas percepções acerca da obra cinematográfica como objeto artístico, distanciando de uma pedagogia das imagens canônicas, de um cinema

como vetor de sentidos e ideologias. Baseado em tal assertiva, considerar que o cinema, enquanto fonte e reflexo das experiências sócioespaciais, oferece formas de reflexão e projeção do espaço geográfico enquanto lugar comum das experiências sensíveis. A expressão dos fenômenos em imagens de cinema como linguagem artística e objeto da crítica.

Usamos como exemplo paradigmático o filme produzido pelo coletivo *Ocupe Estelita, Recife, Cidade Roubada*¹ (2014), um dos aspectos que torna o filme “didático” ao espectador com a apresentação da problemática do filme: a construção de 12 torres no terreno onde funcionara a antiga estação ferroviária no Recife. O espaço mencionado trata de uma propriedade da União, o que torna o projeto ainda mais complexo e contraditório, tornando o espaço objeto de disputa pelo direito de ser e estar na paisagem. Em outras palavras, a mobilização de imagens produzidas pelos grupos protagonistas da disputa permite ao geógrafo considerar, enquanto pesquisador e um espectador emancipado, de acordo com Rancière (2012), compreender as imagens enquanto objetos artísticos e formadoras do pensamento crítico. Assim, “a emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura de dominação e da sujeição” (Rancière, 2012, p. 17).

A função pedagógica do cinema direciona o espectador-geógrafo a pensar sob duas esferas: a representacional, cuja produção se consolida a partir de uma forma de ser e de estar no espaço. Ainda, se retomarmos à produção de filmes do *Ocupe Estelita*, por exemplo, encontramos uma construção estética e filosófica baseada na contestação aos projetos hegemônicos em reivindicação ao direito à cidade. Trazendo à luz o curta *Recife, Cidade Roubada* mais uma vez, podemos destacar elementos pertinentes na construção narrativa do filme: a presença do ator Irandhir Santos como narrador do filme sugere como estratégia de alcance do filme nas redes sociais, para a população da cidade e do país. Com uma abordagem que nos remete a alguns filmes publicitários de imobiliária, o filme apresenta o impacto no espaço urbano com a construção das 12 torres no Cais José Estelita através de entrevistas com atores da sociedade civil. A utilização de elementos visuais que esclarecem a maneira como fora conduzida a imposição da construção das torres,

¹ Disponível no canal do *Ocupe Estelita* em <https://youtu.be/dJY1XE2S9Pk>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

assim como outros exemplos na cidade, é abordada no filme na composição planos que mostram a extensão do terreno acompanhado de vozes de entrevistados e do narrador à medida que transcorre a narrativa. Ao mesmo tempo, animações expõem a proporção de ações ilegais tramitadas para aprovação do projeto, sugerindo ao espectador dois Recifes: o do Projeto Novo Recife, capitaneado pelas construtoras e o poder público, e o Projeto Recife, onde o direito à cidade atinge todos os grupos sociais.

Paulo Cesar da Costa Gomes (2013) alerta quanto a quanto às expressões da espacialidade ao discutirmos as imagens na geografia. A espacialidade, para este autor, é entendida como “o conjunto formado pela disposição física sobre esse plano de tudo que ele contém” (Gomes, 2013, p. 17). Neste sentido, três expressões entram em cena ao discutirmos as artes enquanto construtoras de imagem para a geografia: uma delas é o ponto de vista. O ponto de vista, dentro de um jogo posicional, ou seja, da espacialidade, é entendido enquanto um dispositivo espacial que permite vermos algumas coisas em uma obra. Ao analisarmos espacialmente o filme, considerando a expressão do ponto de vista, podemos situar o olhar e o objeto a ser “olhado”. Neste sentido, um jogo metafórico entre o objeto exposto na cena e o que interpretamos sobre ela dispõe de elementos visuais que imprimem o olhar de quem realiza a obra.

Uma outra expressão da espacialidade é a composição. Em sua disposição, pode-se considerar um conjunto elaborado de formas, cores e fotografias em um enquadramento. Podemos afirmar, neste sentido, que a paisagem neste conjunto também é uma composição, pois esta é contida de elementos morfológicos no aspecto visível como de elementos diegéticos à medida que os elementos intertextuais da obra interagem dentro de um mesmo enquadramento (o som, por exemplo). Por fim, a exposição. Gomes aponta que esta expressão da espacialidade nas imagens está associada a classificação que determina na vida social o que deve ou não ser visto. Por meio desta classificação, o manejo de espaços varia de acordo com a sua posição. Lugares de grande visibilidade, por exemplo, são dotadas nessa classificação de elementos que devem ser vistos, apreciados e julgados pelos seus valores de significação. Em outros lugares, ocorre o inverso. Ao retomar o filme *Recife, Cidade Roubada*, torna-se evidente os elementos espaciais que merecem ser lugares de visibilidade e de invisibilidade no sentido exposto por Gomes (2013).

As imagens de cinema são espaços cada vez mais exploradas na geografia. No entanto, seu uso necessita ser associado como um atributo formativo do geógrafo. Como vimos, as imagens de cinema podem nos tocar, atravessar as subjetividades do espectador. Assim, considerar o cinema enquanto objeto artístico é permitir o objeto artístico de fomentar o pensamento crítico sem se vincular como dispositivo de reprodução de ideologias. Pelo contrário, o seu uso permite ao espectador partilhar das experiências sensíveis, o emancipa enquanto sujeito geográfico através do jogo de posições existente na imagem.

3 CINECLUBISMO E GEOGRAFIA – O CINECLUBE LECGEO E O PERCURSO POR IMAGENS NA GEOGRAFIA CULTURAL

Descrever a relação do LECgeo com o cinema significa retornar à gênese do laboratório de pesquisa. Entre 1997 e 1998, a produção do documentário *No Sertão eu vi*, de Kátia Maciel, conta com a participação do Prof. Caio Maciel, responsável pela fundação do LECgeo dez anos depois da sua participação no curta-metragem, afirmando o cinema como manifestação socioespacial e recurso de reflexão espacial. Em 2008 nasce o Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura, o LECgeo, coordenado pelo Prof. Caio Maciel, contando com a participação de professores, estudantes de graduação e pós-graduação da UFPE e universidades parceiras. Dentro das atividades de pesquisa, destacamos outro trabalho que dialoga com o cinema e a geografia: o projeto de extensão *Sertão de Imagens, Imagens de Sertão*, que destaca o debate com estudantes de escola pública do município de Ibimirim, localizado na microrregião do Sertão do Moxotó, em Pernambuco, sobre as imagens da região semiárida por fotografias produzidas pelos estudantes e de filmes exibidos na escola. Resultado da atividade extensionista, surge o primeiro cineclube no LECgeo: o *Grota do Angico*.

Diante do percurso do LECgeo pelas imagens e suas geografias, projetos de pesquisa, trabalhos de conclusão de curso, artigos e o uso de filmes em disciplinas, a trajetória do grupo de pesquisa destaca trabalhos como os de Cássia Pernambuco (Silva, 2011) e Pedro Paulo Maia (Maia Filho, 2008) destacam a relação do cinema com o semiárido em filmes brasileiros em tempos que a geografia cultural brasileira ainda pouco discutia sobre filmes e seus desdobramentos na sociedade. Assim, as portas são abertas para o desenvolvimento de pesquisas sobre cinema, geografia e

imagens dentro do LECgeo, seguindo uma tendência que ocorre pelo país, em momento de retomada da produção de cinema no Brasil, com produções que promovem reflexões geográficas quanto a capacidade do cinema em “criar representações do mundo real” (Fioravante; Ferreira, 2016, p. 212) ou como os filmes estão voltados à sua estrutura narrativa, não assumindo compromisso com a realidade. Ou seja, a realidade é referência para a construção narrativa de filmes. Neste sentido, a discussão por imagens e suas geografias ultrapassa a dimensão fílmica, estabelecendo relações com outras linguagens visuais e textuais. Como exemplo disso, pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa utilizam outras linguagens artísticas para compreender fenômenos sócioespaciais e seus desdobramentos na relação entre ser humano x natureza. Um exemplo é o estudo de Pedro Vilela (2017), que trata dos arranjos espaciais causados pela presença *Udigrudi*, nos anos 1970, em Recife, Pernambuco, movimento musical refletido de movimentos *undergrounds* como o movimento *hippie* e os *beatnicks* que seguiam um caminho contrário ao modo de vida predominantes na sociedade. Desta articulação musical, artistas de outras linguagens promoviam o encontro de formas de pensar através de imagens em movimento, na pintura, entre outras. A pesquisa de Vilela (2017) mostra caminhos possíveis para refletir o espaço geográfico por meio de linguagens que assumem diferentes formas. A música, em diversos sentidos, revela o surgimento de novas imagens e novas geografias. Não por acaso, tanto a música quanto o som são elementos constantemente utilizados como recurso na linguagem cinematográfica para exprimir sentidos e valores que permeiam a narrativa do filme.

O cenário de pesquisa construído pelo LECgeo nos revela uma característica muito importante em suas linhas de pesquisa: o diálogo interdisciplinar. Neste sentido, ao consultarmos as plataformas de grupo de pesquisa e de pesquisadores associados ao CNPq, percebe-se um universo complexo de pesquisas desenvolvidas e orientadas por integrantes do grupo. Atualmente, o LECgeo atua em cinco linhas de pesquisa²:

- 1) As representações e a compreensão das geografias contemporâneas;
- 2) Espaço, Cultura e Ação;
- 3) Identidades territoriais e imaginários geográficos;

² Para maior detalhamento sobre as linhas de pesquisa do LECgeo, cabe consultar a página do grupo de pesquisa no diretório de grupos de pesquisas no Cnpq.

- 4) Paisagem cultural, espaço público e patrimônio: gestão, práticas espaciais e cidadania paisagística;
- 5) Semiáridos latino-americanos: convivência e adaptação a terras secas;

Inserido na complexa teia de possibilidades presentes nas linhas de pesquisa do LECgeo, o diálogo com o campo das imagens sempre esteve presente reverberado pela trajetória que funda o laboratório. Contudo, estudos desenvolvidos pelo LECgeo buscam nas imagens campo de compreensão em torno das espacialidades da cultura desenvolvidas nas relações entre ser humano e natureza. Como exemplo, trabalhos como os de Maia Filho (2008), Silva (2011), Queiroz (2015) e Menezes (2017) tomam o cinema como objeto analítico sem desconsiderar as bases do pensamento geográfico ao compreender as espacialidades promovidas pelas imagens de cinema. Em sentido semelhante, Haesbaert (2009) mostra caminhos possíveis para praticar uma geografia cultural integradora, onde o papel do conceito não se restringe ao plano analítico, mas ao campo da intervenção provocado pelo conceito. Em outras palavras, o uso do conceito produz efeitos diretos na materialidade.

As imagens são produtos das relações entre os atores produtores do espaço. Os estudos desenvolvidos pelo LECgeo assumem premissa similar ao refletir a geografia cultural, como aponta Haesbaert (2009), uma vez que a cultura está além do campo analítico, envolve-se nos processos materiais no espaço. Como consequência dessa relação, na trajetória do laboratório de pesquisa, mais especificamente nos eventos promovidos, sempre se evidenciou espaços destinados às discussões sobre as imagens e suas espacialidades, conforme vemos nas figuras abaixo, o que assevera o papel da geografia como uma ciência das imagens e dos lugares. Também, cabe salientar a produção científica do LECgeo resultados dos seminários (Maciel, 2009; Maciel; Gonçalves; Pereira, 2012; Maciel et al., 2017; Maciel; Vasconcelos; Pontes, 2021) que destacam as linhas de pesquisa do grupo. As programações dos seminários do LECgeo sempre destacaram a discussão imagética na geografia como um dos pontos de reflexão do grupo de pesquisa, uma vez que a força das imagens está na distância que conseguimos refletir o que elas nos oferecem por meio delas (Gomes, 2017). Ou seja, para compreender os fenômenos estudados nas linhas de pesquisa, a imagem se apresenta enquanto

mediador das relações entre seres humanos e natureza, materializada nos modos de vida.

Retomar a história do LECgeo significa estar em contato contínuo com a cultura visual e suas ramificações em processos socioespaciais. Dos trabalhos de campo às discussões de textos, o componente imagético se apresentara sob diversos formatos: do uso sistemático do mapa à reflexão de geografias instagramáveis (Querino, 2019; Maciel e Querino, 2020). Não seria imprevisível, portanto, que existisse alguma atividade que relacionasse o uso da imagem e suas reverberações na espacialidade da cultura. Quando surge em 2011, formado por um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação, o Cineclube LECgeo.

4 DESDOBRAMENTOS DE UMA GEOGRAFIA ATIVA: O CINECLUBE LECGEO

O desenvolvimento de um fazer geográfico é consoante ao que chamamos de “relações cotidianas”. Quando percorremos pelos lugares, cortinas são abertas e encontramos diversas geografias a partir daquilo que vimos. Ao mesmo tempo, buscamos documentar imagetivamente os espaços que percorremos através de nossas sensibilidades conforme nos relacionamos com os lugares, propondo uma geografia atuante que busca conhecer o desconhecido, a descoberta de novos espaços que nos liga à Terra, como diria Dardel (2011), uma geograficidade. As imagens surgem como formas de estabelecimento de geograficidades com os lugares que atravessam os corpos, ampliando a experiência sensorial entre ser humano e natureza.

Em busca de diálogos que ocasionem possibilidades na investigação geográfica consumadas pelas experiências pessoais, um grupo de estudantes que carregavam em comum o gosto pelo cinema se encontravam para o café na sala do LECgeo e compartilhavam suas primeiras experiências de pesquisa e sobre filmes. O resultado desses encontros é a descoberta de filmografias em comum, novos autores e elementos constitutivos de narrativas que aproximam objetos de pesquisas com filmes debatidos na hora do café. Com isso, surge, de maneira experimental, o Cineclube LECgeo.

A geografia possui como característica a construção de narrativas como método de compreensão dos espaços. Paul Claval (2011) enuncia que ao longo do desenvolvimento de técnicas de descrição do espaço buscavam, por parte dos

geógrafos da época, “restituir com exatidão as informações que recolheram e as reações que experimentaram diante do que descobriram” (Claval, 2011, p. 83). Para isso, utilizavam de todos os recursos disponíveis para esta documentação: relatos escritos, orais, cartas, croquis, registros sonoros, fotografias e filmes (Claval, 2011, p. 83).

Hoje, o geógrafo que descreve um lugar sabe ilustrar o que ele fala de imagens, das sequências rodadas, das ilustrações sonoras, das vistas de satélites. É um realizador que combina meios variados para tornar sensíveis as formas, as cores, as atmosferas, dar uma ideia da paisagem, apreender as massas em movimento, a ronda infernal das circulações, o trabalho dos homens, seus lazeres, suas festas ou sua preocupação em manter viva a memória daqueles que desapareceram (Claval, 2011, p. 84).

O Cineclube LECgeo, portanto, surge com a necessidade em debater temas que permeiam as linhas de pesquisa do LECgeo. Considerando as colocações de Claval, o Cineclube LECgeo busca compreender as dinâmicas espaciais suscitadas em filmes através da exibição e discussão pública com espectadores com a finalidade de refletir geograficamente através das imagens. Para isso, exercitar a geografia de cada integrante do Cineclube e colocá-las em discussão por meio de filmes possibilitou o desenvolvimento de novas aplicações entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Assim, a realização de uma sessão de cineclube atravessa por estágios (ou fases) que levam até a exibição pública e discussão sobre o filme. Portanto, a escolha de um filme ou grupo de filmes norteava os temas pesquisados no LECgeo e ampliava o campo analítico na geografia praticada, até então, na UFPE.

Figura 1: Etapas da realização da sessão cineclubista



Fonte: Queiroz (2022)

Ao considerar a experiência do cinema na geografia, compreende-se que o geógrafo está navegando por caminhos desconhecidos, uma vez que analisar filmes não é uma das principais atribuições do geógrafo. Contudo, analisar imagens é uma condição para o geógrafo em observar e analisar espaços ou paisagens de modo que a imagem atua enquanto mediador entre o objeto material (natureza) e a subjetividade do olhar (ser humano) na construção de um raciocínio geográfico. Assim, faz sentido ao geógrafo recorrer às imagens cinematográficas com a finalidade de compreender subjetividades presentes em processos sócioespaciais mediados por imagens que falam sobre/do espaço geográfico. Desse modo, entender a análise geográfica do cinema enquanto objeto de estudo nos faz entender, pois:

[...] o cinema foi em sua origem arte itinerante e viajante, com intenção documental e por vezes científicas – etnográfica, zoológica e botânica. O cinema registrava e reproduzia imagens dos mais diversos lugares, povos, paisagens, faunas, promovendo uma organização imperialista do planeta com base num regime pan-óptico” (Name, 2013, p. 19).

Agosto de 2011, mês de nascimento do Cineclube LECgeo. Para que esse nascimento tivesse ocorrido, encontros sobre os temas debatidos no grupo foram extensos, objetivos e formadores que, por sua vez, eram planejados através de filmes sugeridos entre os componentes e convidados para a discussão. Para a primeira sessão, foi exibido o filme *Acercadacana*³, do diretor Felipe Peres Calheiros e contou com as participações do Prof. Caio Maciel e Plácido Júnior (CPT) como

³ Filme disponível em https://youtu.be/O_V6RvkyF38. Acesso em 22 de março de 2022.

convidados para o debate. A sessão contou com um bom número de espectadores, em sua maioria estudantes de geografia, o que proporcionou maior interação sobre o filme e tema escolhido para discussão. O curta *Acercadacana*, lançado em 2010, situa o conflito agrário provocado com a expansão do latifúndio canavieiro na zona da mata de Pernambuco, onde 15 mil famílias já foram expulsas dos seus sítios e uma pessoa decidiu resistir: Maria Francisca de Lima⁴.

Figura 2: Cartaz da primeira sessão do Cineclube LECgeo



Fonte: Cineclube LECgeo

Uma das possibilidades em analisar a geografia através do cinema está na relação entre os conceitos-chaves da geografia e as imagens de cinema. No cinema, somos estimulados a pensar através da lógica da produção industrial que tomam as salas de cinema, desconsiderando, muitas vezes, as produções autorais que proporcionam concomitantemente reflexão e entretenimento. Ao tomarmos a dimensão visual da imagem produzida pelo cinema, somos incitados em associar as paisagens culturais que emergem nas cenas e refletir sobre os processos que ali se apresentam aos nossos olhos (Azevedo, 2009). Ao mesmo tempo, a atividade cineclubista proporciona o debate e a reflexão sobre filmes, propiciando uma educação no olhar. O cineclube oportuniza, portanto, o encontro de olhares e a construção de olhares no entendimento sobre um tema.

⁴ Resumo adaptado do site onde o filme está hospedado. Link: <https://vimeo.com/46202367>. Data de acesso: 22 de março de 2022.

O Cineclube LECgeo evoca, assim, através de sessões cineclubistas, o trabalho do geógrafo. A paisagem no filme, por exemplo, afirma uma geografia cotidiana. No entanto, o mesmo cenário é produtor de inimagináveis paisagens, cada uma vinculada a um espectador da performance geográfica por parte da paisagem. Os sujeitos que dialogam com a paisagem em questão reúnem os elementos necessários para a constituição de suas paisagens. Uma vez que a

paisagem é sempre o lugar da rotina do dia a dia das pessoas e o centro das ocorrências cotidianas, relações emocionais e necessidades satisfeitas conforme as percebemos. Este é o lugar onde os filmes pegar os fios, uma vez que o reconhecimento da localização e assimilação em uma fração de terra cinematográfica pelo público vêm em primeiro lugar no processo cognitivo (Escher, 2006, p. 309, tradução nossa).

Assim, ao exercitar o fazer geográfico por meio de filmes, o geógrafo é colocado na posição do ser que se molda desde cedo ao ambiente que o cerca, o que preconiza a condição habitual de sua atividade profissional (Sauer, 2000). A prática geográfica enquanto processo formativo aqui assume outro ponto: o da atribuição dos referenciais culturais de cada integrante. Na escolha de um tema, filme ou convidado para as sessões cineclubistas sempre fora considerado as referências epistêmicas, mas, sobretudo, as de vida. Ao eleger um filme, por mais que esteja alinhado com uma linha de pesquisa ou de pensamento, vai de encontro com um modo de ser e habitar no espaço.

Desse modo, compreende-se que os filmes exibidos⁵ pelo Cineclube LECgeo estão diretamente relacionados com temas abordados por pesquisas no laboratório de pesquisa. Contudo, outro aspecto prevalecera na definição de filmes para discussão: a demanda social. Algumas sessões eram definidas seguindo algumas discussões emergentes na cidade do Recife, mas que estivesse alinhada às pesquisas de integrantes do laboratório.

5 REFLETIR POR IMAGENS DO CINEMA NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO

Refletir sobre os espaços de discussão possíveis de serem trabalhados, a busca por caminhos que propiciem o desenvolvimento do raciocínio geográfico

⁵ Tabela com datas das exibições, filmes exibidos e convidados encontra-se disponível no Anexo I deste trabalho.

através de dispositivos imagéticos é uma questão a ser discutida com maior ênfase. Entendemos, mais uma vez, que na geografia refletimos através de estruturas imagéticas (Gomes, 2017) como formas de racionalizarmos os espaços que ocupamos. Atualmente, o uso de dispositivos produtores de imagem torna-se cada vez mais frequente, sobretudo entre os jovens. Inseridos em uma cultura digital na qual o próprio ensino é produto, pensar os espaços através do objeto imagem tensiona os saberes cotidianos com os saberes produzidos instantaneamente nas redes sociais. Nesse sentido, o confronto entre imagens é um sintoma cada vez mais presente na contemporaneidade; e levar ao espaço escolar a geografia praticada cotidianamente faz compreender que a implementação de metodologias que promova o protagonismo do estudante na mediação do conhecimento contribui para o desenvolvimento espacial do discente.

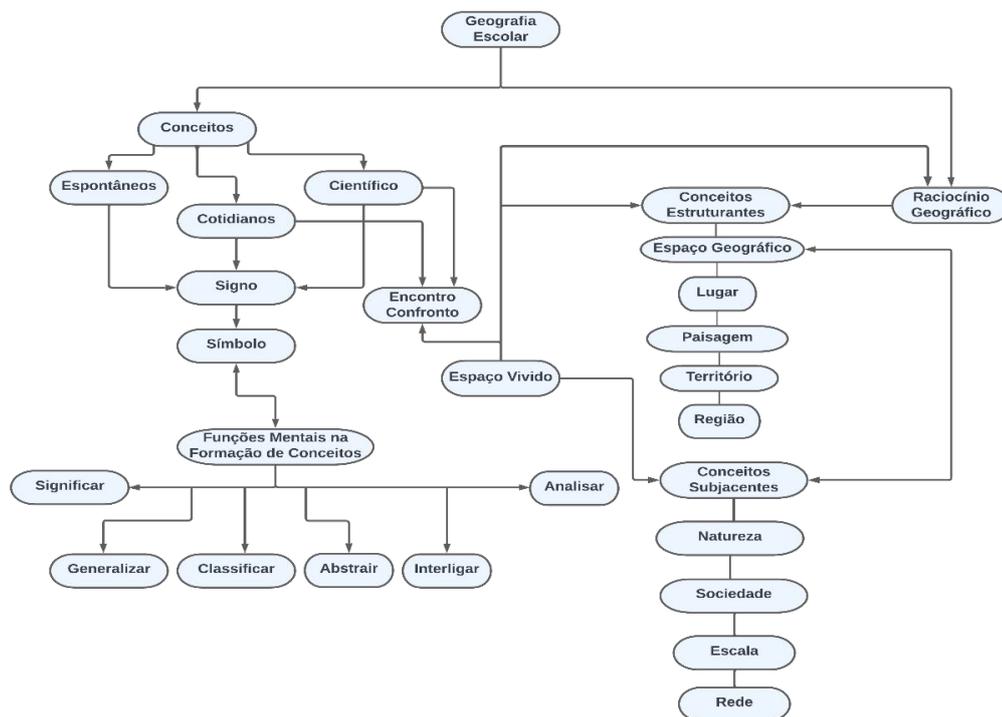
Sob a premissa do lançamento de propostas de intervenção, como sessões de cineclube, seguimos caminho ~~distinto~~ do exposto por Libâneo (2011) ao pensar a escola pública para além do acolhimento social, voltada para o pobre, e seguir um percurso emancipador de ideias e saberes entre os estudantes e comunidade escolar. Ao retomar o pensamento de Rancière (2009) sobre a partilha do sensível ressalta a experiência de partilha diante de uma experiência coletiva. O cinema é produto da sociedade capaz de emitir um pensamento sobre um objeto. Partimos da premissa que o filme atua enquanto mediador das relações espaciais entre as pessoas que ali o vivem, estando integrado às relações cotidianas. Com isso, assume-se que a experiência do cinema é ponto de encontro de ideias e sensações sobre um filme tomadas pelas relações socioespaciais. Seu uso na escola, portanto, possibilita o desenvolvimento cognitivo e sensível durante a exibição e discussão de um filme.

As imagens nunca é uma realidade simples. As imagens do cinema são antes de mais nada operações, relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o depois, a causa e o efeito. Essas operações mobilizam funções-imagens diferentes, sentidos distintos da palavra imagem (Rancière, 2012, p. 14).

A imagem cinematográfica propicia o encontro dos sentidos geográficos evocados pela experiência fílmica e pode, ao mesmo tempo, mediar saberes científicos com os espontâneos e com os cotidianos permite o estudante construir narrativas sobre si, podendo reverberar em narrativas que se localizam sobre o

determinado espaço. O reconhecimento dos espaços permite, então, a demarcação de espacialidades do cotidiano de quem observa na construção da geografia do sujeito, ou seja, da geografia que é construída em cada um de nós. A esquematização conceitual serve aqui como metodologia principal na observação fílmica. Ao vermos um filme, nossos sentidos são mobilizados pela narrativa em tela, um conjunto de signos e significados da imagem e do som, que constrói níveis de experiência através do contato com o filme. Assim, a imagem aproxima os estudantes dos contextos pessoais com os conteúdos aprendidos em sala de aula por meio da associação e reflexão sobre os exemplos praticados na observação da imagem. Nesse sentido, resgatamos um esquema conceitual adaptado de Pires e Alves (2013), que serve como estrutura conceitual para refletirmos as imagens de cinema visando a construção do raciocínio geográfico.

Figura 3: Mapa conceitual desenvolvido pelo autor com base em Pires e Alves (2013).



O cineclube, nesse sentido, aporta como meio relevante em pensar a experiência fílmica como produtora de sentidos e conhecimento. O cineclube pode ser entendido como uma associação que reúne apreciadores de cinema para fins de estudo e debates e para exibição de filmes selecionados. Pensando o cineclube na geografia, podemos apontar direcionamentos em sentido de associar um grupo de apreciadores de cinema que estudam e debatem filmes selecionados sob o prisma geográfico. Assim, podemos tomar o campo da experiência visual e espacial como meio de pensar geograficamente, considerando nossa percepção espacial aliado de um raciocínio teorizado contextualizado em um determinado tempo e realidade onde se pensa o objeto geográfico (Copatti, 2019).

Ainda, busca-se pensar o cinema na geografia através do elemento produtor de visibilidades e dizibilidades, a paisagem. Nesse trajeto, apoiado por Queiroz (2015), parte-se do entendimento da paisagem para refletir o cinema por três caminhos:

- Por uma associação distinta de formas (Sauer, 2012).
- Como uma interpretação, uma leitura, ou ainda, a expressão de certo tipo de linguagem (Besse, 2014, p. 13).
- A partir do caráter de suas manifestações (Cosgrove, 2012).

Abastecidos da experiência da paisagem pelo filme sob as três premissas, a paisagem produzida no cinema não é portadora de neutralidade ou produtora de uma realidade, mas uma criação cultural operacionalizada na produção de sensibilidades que despontam sentidos de lugar e sociedade que podem ser legitimados, contestados ou ocultados (Hopkins, 2009, p. 60). “Paisagens retratadas são muitas vezes simbólicas, e frequentemente contribuem para a formação social, impactando sobre as associações humanas e as normas sociais” (Harper; Rayner, 2010, p. 16). Assim, entre exhibições de curtas-metragens nacionais, seguindo lei nº 13.006/2014, que estabelece a “exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 2014), e discussões, chegou-se ao processo de criação e organização da sessão de cineclube.

Na experiência cineclubista mencionada na seção anterior, a experiência do Cineclube LECgeo buscou exibir e discutir filmes que integrassem as linhas de pesquisa do LECgeo como suporte para o desenvolvimento de pesquisas sobre cinema e geografia, e outras linhas, no âmbito do laboratório. Na figura a seguir, temos o processo de realização de uma sessão cineclubista é formada por cinco grandes etapas: curadoria, produção, divulgação, mediação do debate e memória.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade da experimentação de conceitos estudados no laboratório de pesquisa é fundamental na construção do repertório intelectual do estudante de geografia. Experimentar na geografia é deixar-se atravessar pela observação e pelos sentidos assim como as imagens que nos tocam. No desenvolvimento do raciocínio geográfico, estar em convívio com as relações do cotidiano, muitas delas mediadas pela imagem, despertam no estudante vocações outrora desconhecidas. A prática cineclubista desenvolvida pelo Cineclube LECgeo aponta a direção do fazer geográfico contemporâneo: criar e refletir por imagens no mundo globalizado. Tal prática executada ainda na formação da graduação renderá frutos em pesquisa e ações paralelas do grupo, o que reforça a importância da tríade ensino-pesquisa-extensão.

A escola, nesse caminho, pode se beneficiar da lei nº 13.006/2014 na construção do raciocínio geográfico do estudante. Contudo, não é recomendável a simples exibição de um filme nacional e tentar relacioná-lo com temas da BNCC. É preciso ir além. Estabelecer a relação entre a imagem e seu espectador ao nível da representação de uma dada realidade é propor um diálogo incipiente em que se desconsidera os referentes culturais de cada estudante. É preciso, nesse caminho, desvendar as potencialidades da imagem de cinema com as experiências socioespaciais do estudante ao ponto deste relacionar seus sistemas de representação com outros sistemas portados pelos colegas de sala de aula. Como virtude, a promoção de atividades cineclubistas com vistas para a formação do olhar do espectador na escola contribui para a formação interdisciplinar do estudante na ciência geográfica, semelhante a experiência vivida com o Cineclube LECgeo.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CINECLUBE. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14347/cineclube>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

COPATTI, Carina. **Pensamento pedagógico geográfico e autonomia docente na relação com o livro didático: percursos para a educação geográfica**. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, 2019, 274 p.

COPATTI, Carina.; CALLAI, Helena Copetti. A ciência geográfica e a construção de um pensamento geográfico de professor. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.14, n.34, jan./abr. de 2020. pp. 163-181.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia - volume 1**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 219–237.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Filme e geografia: outras considerações sobre a “realidade” das imagens e dos lugares geográficos. **Espaço e Cultura**, N. 29, 2011, p. 43-54.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FIORAVANTE, K. E.; FERREIRA, L. F. G. Ensino de geografia e cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 25, 2016.

GIROTTI, E. D. Qual raciocínio? Qual geografia? Considerações sobre o raciocínio geográfico na base nacional comum curricular. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 2 dez. 2021.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfica-cultural integradora. In: SERPA, Angelo. (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginação e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 393-419.

HALLEY, Bruno Maia (Org.); MACIEL, C. A. A. (Org.); PONTES, E. T. M. (Org.); VASCONCELOS, P. B. (Org.); BARBOSA, D.T. (Org.). **Cultura, Identidades Territoriais e Cidadania: Anais do V Seminário de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política**. 1. ed. Recife: Editora UFPE, 2017. v. 1. 570p

HARPER, G; RAYNER, J. Introduction – Cinema and Landscape. In: HARPER, G; RAYNER, J. (orgs.) **Cinema and Landscape**. Bristol, Intellect, 2010, p. 13-28.

HOPKINS, J. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia é o poder da representação enganosa. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 59-94.

LIBÂNIO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 13–28, 21 out. 2011.

MACIEL, Caio Augusto Amorim.; QUERINO, Jeovane S. F. . Representações das Paisagens e Demarcações Hidroterritoriais do Rio Timbó (PE) e suas Margens no Aplicativo Instagram. **Revista de Geografia (RECIFE)**, v. 37, p. 113-131, 2020.

MACIEL, C. A. A.; VASCONCELOS, P. B. (Org.); PONTES, E.T.M. (Org.). **Trajetos e Trajetórias: Percursos e Confluências em Geografia Cultural**. 1. ed. Sobral, Ceará: Sertão Cult, 2021. v. 1. 242p.

MAIA FILHO, P. P. P. **Interpretação das paisagens do semiárido nas produções fílmicas brasileiras (1996-2006)**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PIRES, Lucineide Mendes. ALVES, Adriana Olívia. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino de Geografia. In: PIRES, L.M.; SILVA, E.I. **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2013.

QUERINO, Jeovane S. F. **Por uma geografia instagramável**: as representações e concepções do Rio Timbó (PE) e suas margens. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.: Editora 34, 2009.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012;

_____. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, C. M. P. P. **Paisagens do semiárido nordestino**: uma análise do imaginário geográfico através de representações literárias e cinematográficas. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.